NUM. 94 SABBADO 19 DE MARÇO DE 1910 ANNO III

CARETA

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

OLAVO BILAC — o caçador de rimas.

Perfumes sem Alcool

ILLUSION DRALLE

Reproducção exacta dos perfumes naturaes!

Uma gotta basta para perfumar qualquer objecto!

MUGUET — ROSA — VIOLETA — HELIOTROPO, LILAZ — VESTERIA.

As verdadeiras essencias «Illusion Dralle» vem acondicionadas em um original estojo do feitio de um PHAROL.

Exija-se a marca "DRALLE"

A' venda em todas as casas de perfumarias

A Saude da Mulher!

Não só o povo nos acclama! tàmbem os medicos!

Attesto que tenho empregado o xarope BROMIL em minha clinica, com bons resultados nas molestias do apparelho respiratorio.

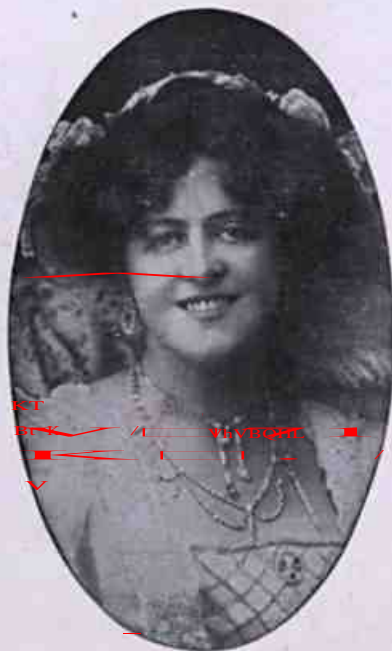
S. Paulo, 7 de Janeiro de 1910.— DR. AURELIO MAGALHÃES.

Attesto *in fide medici* que tenho empregado em minha clinica o preparado BROMIL, com excellentes resultados nas molestias do apparelho respiratorio.

S. Paulo, 5 de Janeiro de 1910.—DR. BRENO MUNIZ DE SOUZA.

Em minha clinica jamais tive ensejo de maldizer do BROMIL e SAUDE DA MULHER. O referido, sendo a expressão da verdade, attesto e juro, em fé do meu grão.

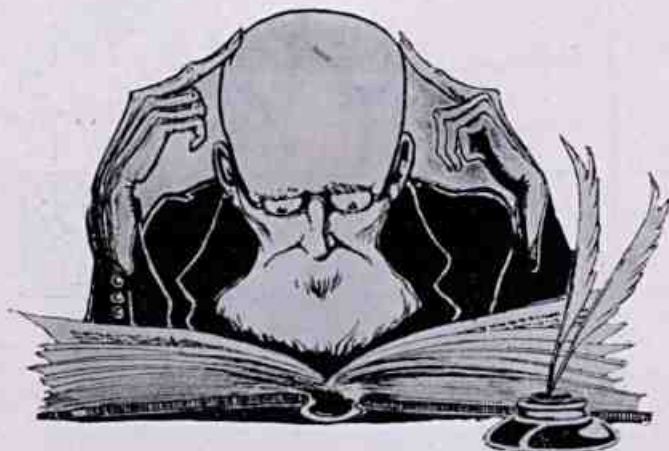
Rio de Janeiro, 3 de Janeiro de 1910.—DR. DIAS DA CRUZ FILHO.

430, RUA DO RIACHUELO, 430 — Rio de Janeiro

Depositarios: — DROGARIA PACHECO. — ARAUJO FREITAS & C. — GRANADO & C SILVA GOMES & C. — FREIRE GUIMARÃES & C.

Queda dos Cabellos, Barba, Sobrancelhas, Pellada, Calvicie precóce, Caspa, etc.

NOVAS CURAS — NOVOS ATTESTADOS

Reflexões e conselhos de um velho e caréca

MOÇOS E MOÇAS!

Si eu tivesse usado em tempo o famoso PILOGENIO não teria chegado a este ponto, pois está evidentemente provado que a *calvicie* é hoje uma affecção perfeitamente evitavel, mesmo que se tenha ascendentes *Calvos*, desde que se use o PILOGENIO como preservativo e conservador da saúde dos cabellos. Lembrai-vos tambem que o PILOGENIO é o maior inimigo da caspa, uma das principaes causas da quéda dos cabellos. Não ha *Loção* mais util, mais barata, nem mais agradavel. Basta dizer que é a preferida pelas moças.

Attestado do Sr. Dr. Henrique Autran, distincto clinico desta Capital, delegado de hygiene e 1º secretario da Academia Nacional de Medicina.

Attesto que o PILOGENIO de Giffoni produz completo exito nos casos de queda de cabellos, servindo de base a esta minha affirmativa o resultado obtido não só em pessoas de minha familia, como naquelles que o tem usado a conselho meu.

Rio 8 — 3 — 910

Dr. Henrique Autran

O **PILOGENIO** vende-se no deposito geral: Drogaria de Francisco Giffoni & C.

17, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 17 — (ANTIGO N. 9)

e nas boas pharmacias, drogarias e perfumarias e nos Estados encontra-se desde já nas seguintes cidades:

Pernambuco, Bahia, Victoria, Bello-Horizonte, Curityba, Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre, Corumbá, Cuyabá e Goyaz

---

Cura efficaz e rapida da

GONORRHÉA

(ANTIGA OU RECENTE) — PELAS

VELAS DE BERTHAUD

As velas medicinaes de Berthaud representam o meio mais facil, pratico e commodo no tratamento d'esta tão terrivel quanto incommoda molestia.

Na Gonorrhéa, antiga ou recente, o tratamento por meio de qualquer uma das velas abaixo indicadas é racional e nenhum outro lhe é superior.

As velas medicinaes de Berthaud não têm os inconvenientes das injecções, cujas consequencias desagradaveis são tão conhecidas e sabidas.

AS VELAS COMMUMMENTE USADAS SÃO AS SEGUINTES:

SULFATO DE ZINCO	ALUMNOL	IODOFORMIO	EXTRACTO DE RATANIA
NITRATO DE PRATA	PROTARGOL	TANNINO	AIROL
ACIDO BORICO	ACETATO DE CHUMBO	ICHTHYOL	DI-IODORFOMIO

Para applicação vide prospecto que acompanha cada tubo.

A' venda: ARAUJO FREITAS & C.

Rua dos Ourives, 114 — Rio de Janeiro

O "Veedee"

As Molestias do Estomago e seu novo Tratamento

A DYSPEPSIA — Eis uma molestia que se alastra por milhares de victimas e da qual se ouve fallar por toda a parte. Comprehende-se como *dyspepsia* todos os transtornos de má digestão, quer residam no estomago ou no intestino, quer provenham de origem nervosa, mechanica ou chimica.

O excesso de alimentação e o abuso das bebidas, occasionando uma sobrecarga continua no estomago; o uso diario e excessivo das carnes, das feculas, dos graxos que provocam fermentações anormaes e digestões difficeis; o uso continuado de condimentos e bebidas alcolicas; o vicio constante do fumo, o uso do chá, do café e do gelo; alimentos muito quentes, a irregularidade de horas e pressa para comer, mastigando mal; exercicios violentos; trabalhos mentaes apóz as refeições; a fadiga intellectual; a insomnia; o sedentarismo e a vida do escriptorio... são fontes fecundas de dyspepsia alem das que provêm de estados pathologicos — chronicos ou agudos — taes como: clorosis, anemia, febres, arthritismo, gota, tuberculose, etc.

E' sabido que todas as molestias do estomago se combatem no Brazil, com toneladas e toneladas de especificos, aguas mineraes, digestivos e preparados de toda ordem, com resultados mais ou menos morosos, raras vezes produzindo o resultado que se deseja.

Comprehender-se-á, pois, qual o grau de satisfação que terá o publico em geral quando souber dos extraordinarios triumphos que alcançou a *massagem vibratoria* no tratamento de todas estas affecções, si se considerar que cada qual pode por si mesmo alliviar os proprios males, conseguindo curar-se, sem necessidade de submetter-se a nenhum regimen de torturas, nem ter que ingerir drogas, nem soffrer cousa alguma que lhe possa causar contrariedades.

A *massagem vibratoria* a que alludimos, produz resultados surprehendentes e inesperados, havendo milhares de certificados de pessoas que se dirigiram ao inventor do VEEDEE para manifestar o seu profundo reconhecimento, em virtude de terem chegado ao fim tão desejado: á conquista da saúde.

Para o tratamento das molestias do estomago e abdomem, procede-se do modo que indicam as singelas instrucções que acompanham cada apparelho.

Em poucos minutos de applicação do VEEDEE sente-se uma agradavel sensação de calor por todo o ventre, desapparecendo immediatamente as dores. O uso systematico desse maravilhoso apparelho não só fortalece o estomago, como tambem cura radicalmente muitos casos de molestias gravissimas.

As pessoas que padecerem de molestias arraigadas no estomago devem pedir catalogos aos agentes geraes no Brazil Srs. *Orlando Rangel & C.* — Avenida Central, 140, Rio de Janeiro, que terá o maior prazer de enviar toda classe de detalhes acerca do mimoso apparelho chamado VEEDEE, assim como a respeito dos fundamentos scientificos em que se basea este precioso apparelho, cujo uso recommendam hoje enthusiasticamente todos os medicos notaveis da Europa. As applicações do VEEDEE são numerosissimas; não ha quasi molestia que resista a sua influencia, taes como sobre: — a neurasthenia, as molestias do figado, o rheumatismo, a gota, os resfriados, a influenza, as constipações de ventre etc., etc.

AGENTE GERAL PARA TODA AMERICA DO SUL: — EASTON GARRETT

Depositarios Geraes no Brazil:

ORLANDO RANGEL & C. — Avenida Central, 140, Rio de Janeiro

UNICOS AGENTES EM S. PAULO: BARUEL & C. — RUA DIREITA N. 1, S. PAULO

Depositarios em Porto-Alegre: J. A. BAPTISTA PEREIRA: Rua do Commercio, 24

Peça-se folheto explicatorio n. 2

NA SUA PROPRIA CASA!

Uma fabrica de gazoza que só lhe custa 5$000

Basta encher este engenhoso Siphão com agua fresca e carregal-o com uma capsula

PRANA SPARKLETS

para obter instantaneamente AGUA GAZOZA PURA.

O manejo do Siphão "Prana Sparklets" é tão simples, que não necessita experiencia nem cuidado.

O LIVRINHO

ECONOMIA E ASSEIO

que será remettido gratis, a pedido, dará todas as informações necessarias para a preparação em sua casa de bebidas e refrescos gazozos.

Os Siphões vendem-se ao preço baratissimo de

5$000

e a caixa redonda de 12 capsulas por

2$000

em todas as casas de bebidas, pharmacias e drogarias. O Siphão de Agua Gazoza custa pois menos de 170 réis!!

Deposito: — CASA HERMANNY

RUA GONÇALVES DIAS 67 — AVENIDA CENTRAL 126

REDACÇÃO E OFFICINAS: RUA DA ASSEMBLÉA, 70 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS: ANNO . . . . 15$000 | SEMESTRE . . . . 8$000

NUMERO AVULSO: CAPITAL . . . . . 300 Rs. | ESTADOS . . . . 400 Rs.

EDIÇÃO DE "KOSMOS"

N. 94 | RIO DE JANEIRO — Sabbado — 19 — Março — 1910 | ANNO III

BOSQUE SAGRADO

I

A primeira alvorada

Em negras linguas arde, espadanando, a Treva,
E, curva, abobadada em cupolas nocturnas,
Frias chammas de Cháos num tétro incendio eleva.

Alada planta fenda as vastidões soturnas
Ou bruta pata passe e pise, á pressa, poças,
Cavada a um som, a noite arredonda-se em furnas.

Corre o cávo rumor rolado em ondas grossas,
Florações iniciaes vegetam no ar opaco,
E nas serras de sombra o vento rasga fossas.

E, atra vaga a bater em dique espesso e fraco,
Formas fumeas dissolve e abre no espaço escuro
O tenebroso horror abysmal de um buraco.

Recúa a Noite. A' côr excelsa o brilho puro
Inflamma. O sol, da treva em tinta e luz delida,
Explode comburindo um céo de lacre, duro.

Viva, ondeando no mar, na cordilheira erguida,
Palpitando na fauna, enroscada na flora,
No aureo reverberar do deserto estendida,
Fulge a Terra aos clarões hosannicos da Aurora!

II

Pater

A' entrada de um antro — a coma
Abundante, as formas baças —
Terrivel e augusto, assoma
O Progenitor das raças.

Caminha. No sólo imprime
Recurvos signaes de garra;
A' luz que rompe e, sublime,
Abre horizontes — esbarra.

Olha, cauto, a virgindade
Selvagem da Natureza;
Na sua animalidade
Ha sonho, ha orgulho, ha belleza.

Para o Sol inatingivel
Ergue a vista deslumbrada,
E firma as plantas, terrivel,
Sobre a Terra conquistada!

III

Templos estellares

Feita de nevoa, a Noite o espaço cobre, turva,
E, alto, á feição de um mar sem um signal de quilha,
As nuvens côr de bronze o céo de bronze encurva:
— O sol, atraz da noite, além das nuvens, brilha.

Além das nuvens brilha e, fagulhando, fere-as
A raios que no azul do ether accendem nastros
Passando, erupem sem fragor furando-as, ereas,
E piscam, fulvos, no ar, notiluzindo em astros.

Em cada estrella, exil do patrio sol, a coma
Derramada, á fulgir da luz ao claro açoite,
Lactea Deusa apparece ou flavo Deus assoma:
— E' um templo cada estrella e arde, estrellada, a noite!

Sobre o aerato fulgor do eneo zimborio, estende,
Aurea, surgindo, a Lua, os ouropeis solares,
E, tabernaculado, o céo glorioso esplende
A' reverberação dos Templos Estellares.

IV

Oração

(AO SOL DO MEIO-DIA)

Pinario rajah dos Dévas,
Recúa, rasga amplidões
O céo, do disco que elevas
Aos clarões.

A pompa exalto, gloriosa,
Do teu brilho, Savitar,
E ouso a bençam dadivosa
Esperar.

Não em dominios extranhos,
No Punjah, sonho vergéis,
Lindas mulheres, rebanhos
E corcéis.

Da seára a fartura loira
Cobre, e, em meu corpo gentil,
A alegre força enthezoira,
Varonil.

Gloria aos teus raios! Candente,
Brilhe a espuma, d'agua á flor;
O monte fulja ao teu quente
Esplendor!

Flavo, entre o azul e a esmeralda
De Dyávâpritivy,
Teu oiro acceso desfralda
Savitry!

LEAL DE SOUZA

SINISTRO

Paquete "Orion", a bordo do qual occorreu uma explosão e consequente incendio no porto de Santos.

Os bombeiros de Santos apagando o incendio a bordo do "Orion".

O ENGROSSAMENTO

(POR TRINCA-FIGOS)

A electricidade, o radium e outras cousas fundamentaes da civilisação existiram sempre, no entanto foram precisos seculos para que um sabio as descobrisse, lhes desse um nome, formulasse suas leis e as encorporasse definitivamente ao patrimonio da humanidade. O mesmo se deu com o engrossamento. Essa instituição foi descoberta e baptisada ha cerca de dez annos, mas se fossemos rastrear os seus passos através dos tempos, a encontrariamos provavelmente no paraizo.

O engrossamento é "a arte de fazer crer a uma pessôa que acreditamos que ella é o que ella deseja que supozessemos que ella fosse." Eis ahi uma definição clara e que desmente o adagio: *omnis definitio pariculosa*. A força principal do engrossamento está na sua malleabilidade. Elle pode revestir a forma mellosa, agressiva, ingenua, admirativa, servical etc. O engrossamento melloso, tambem denominado baboso, consiste em babar-se de prazer deante do objecto directo ou do objecto indirecto da acção. Objecto directo é o individuo a engrossar; objecto indirecto é o seu filho, o seu automovel, a sua gravata, a sua mulher, o seu cão. Se eu digo ao Sr. Nilo Peçanha: "V. Ex. tem se revelado um estadista eminente" engrosso-o directamente; se porem me limito a acariciar o pello do Totó (Totó ou Joly?) dizendo: "Que cãozinho meigo! Como é gentil!" engrosso o Sr. Nilo indirectamente.

Quando sahir á luz o meu *Methodo de engrossar*, cuja primeira tiragem, de experiencia, será apenas de cem mil exemplares, (obra que me ha de remetter á posteridade) o leitor aprenderá miudamente os meios de engrossar o futuro sogro, o filho do ministro, o proprietario da casa, o vendeiro, o alfaiate, emfim todas as entidades engrossaveis.

O engrossamento depende muito da iniciativa de cada um. O estudante dessa arte deve se embeber das regras geraes e applical-as com discreção e opportunidade. Como porém a intelligencia do engrossador nem sempre é fertil eu especifico innumeros casos no meu livro, ao qual dei, como no cathecismo, a forma de dialogo. Transcrevo ao acaso alguns trechos do Cap. I — *Engrossamento em geral*.

Pergunta — Como se deve cuprimentar um paciente magro?

Resposta — O paciente magro deve ser cumprimentado pelas saudações communs, ás quaes se accrescenta esta phrase: Acho-o mais gordo! ou Parece-me mais bem disposto! ou outra semelhante.

P. — E como se cumprimenta o paciente gordo?

R. — *Distingo*. Se elle está se tratando contra a obesidade, deve-se dizer: Oh! quasi não o conheci! Que tem feito para perder assim dez ou quinze kilos? No caso contrario ou na duvida basta dizer: Agora assim! Vejo-o bem disposto!

P. — Que se deve responder á futura sogra, quando ella declarar ter quarenta annos, embora tenha sessenta?

R. — Quando a futura sogra declarar ter quarenta annos, embora tenha mais de sessenta, deve se dizer-lhe: A Sra. desculpe, mas não engulo essa mentira! Ninguem lhe dá mais de trinta!

E', como se vê, um livro didactico; e escripto por pessôa competente. Ninguem ignora que sou auctoridade no assumpto, que tenho aperfeiçoado praticamente o engrossamento e até descoberto novas modalidades. O engrossamento agressivo, por exemplo, é pura creação minha. Citarei uma applicação recente desse processo. Em uma das ultimas recepções no Palacio, certo ministro (do qual dependia uma pretenção minha) queixava-se da imprensa. Depois de ouvil-o, attentamente, por alguns instantes, puz-lhe a mão no hombro, e disse-lhe com firmeza:

— A imprensa faz bem, porque V. Ex. é um tolo!

Os circumstantes tiveram um arrepio de espanto; o ministro encarou-me com rancor e surpreza, mas prosegui com calma:

— E' um tolo, porque está se sacrificando pela patria, está-se matando no serviço publico, apezar da ingratidão dos concidadãos invejosos!

No dia seguinte tive despacho favoravel.

Este artigo não é reclame para o meu livro, o qual vale muito bem os 5$000, mesmo sem o magnifico prefacio do senador Pires Ferreira e as profusas notas do Sr. Lobo Jurumenha, auxilio pelo qual deixo aqui aos dois illustres congressitas o meu agradecimento.

Dizem que o congresso vae se reunir na Quinta da Boa-Vista, onde fica o Museu, para o reconhecimento de poderes.

Isto de mandarem o congresso para lá é um bom serviço prestado ao Museu. Dizem que o Coronel Manuel Fulgencio e outros antigos, estão com medo de serem aproveitados para a secção de antiguidade. Outros estão aterrorisados com a ideia de serem aproveitados como mumias.

A LAVOURA

A VENUS DE MILO — O SR. BIAS FORTES — A ESCRAVATURA

Na bellicosa cidade de Barbacena, um dos nossos companheiros para alli enviado em missão especial, conseguio intrevistar, sobre a actualidade da lavoura, o eminente agricultor politico Aipim Jackes Bias Fortes. Eis as interessantes notas que nos remetteu, de Barbacena, o nosso companheiro:

Com um largo chapéo de palha na cabeça e uns sóccos luzitanos nos pés, camisa de riscadinho com a fralda fóra das calças de algodão azul, o egregio democrata mambira, sentado na soleira da porta, picava fumo com um facão de lamina recta. Cumprimentei-o.

— Tenho a honra de falar com o Sr. Aipim?

— Sou eu o homem.

— Venho do Rio, continuei, em missão especial da *Careta*, que deseja conhecer as vossas idéas sobre o estado actual da lavoura.

— Falle moço, vociferou Aipim.

Embatuquei. Então eu é que havia de expôr as idéas que lhe pedia? Gentileza de mambira, pensei e, para principiar, reflecti alto:

— A lavoura é a nossa Venus de Milo: não tem braço.

— Lá isso é, desembuchou o Aipim. E' maneta e perneta.

— Como, senador?

— E' que na minha fazenda o boi que puxa o arado tem uma perna secca e o homem que toca o boi não tem um braço.

— A lavoura, Sr. Aipim, não tem progredido nesta região?

— Qual! O João Pinheiro era meio maluco, encheo a nossa boa gente de manias de progresso e andava tudo alvoroçado. De repente o homem morre e toca tudo para traz. Isso de progresso é uma mentira de cidade grande.

— Então vai tudo mal? E o Sr. Wenceslau...

Aipim, livido, interrompeu a minha phrase:

— Vai tudo muito bem. Aqui progresso é que nem capim branco em minha fazenda.

— Duvido!

— Duvida? Pois olhe, amigo, ha cousa de um mez pedi ao confrade Wenceslau que me mandasse uns progressos agricolas para melhorar a minha fazenda...

— E o que veio?

— Vieram uma charrúa de cadeira, um callista inglez, um pintor allemão e um italiano tocador de harpa.

— Irra!

— Irra porque? Está tudo ahi prestando bons serviços.

— O arado?

— A charrúa de cadeira e os outros. Escute, moço. De tarde boto a jumenta na charrúa, assento-me na cadeira e saio a passear por estes campos como os senhores em seus automoveis. E' para isso que serve a charrúa de cadeira.

— E o callista?

— Cura os callos dos pés de milho.

— E o pintor?

— Pinta de preto o feijão branco.

— E o harpista?

— Toca harpa para espantar os passaros damninhos.

Eu estava embasbacado diante de tamanho progresso.

— E esse regimem perdurará?

— Por meu gosto, não! affirmou Aipim.

— Que farieis vós como governo, para melhorar a lavoura?

— Decretava a escravidão.

— Como? A escravidão outra vez?

— Sim, moço, com preto captivo melhorava tudo. Está admirado? Preto captivo trabalha de sol a sol, não pede dinheiro nem se queixa ao consul. Basta-lhe uma tanga de algodão para cobrir o corpo, e um prato de farinha e feijão para não morrer de fome.

— Só?

— E vergalho para criar vergonha.

Eis o processo que o Sr. Bias indica para melhorar a lavoura.

O Y cahira na rua com um ataque apopletico. A Assistencia medicara-o. Levado para casa, emquanto esperavam o Dr. Floriano, mandado chamar ás pressas, a casa ia-se enchendo de amigos.

A esposa afflicta, para um destes:

— Que devo fazer, seu Fulano?

— Já chamou o medico?

— Já.

— Qual é?

— O Dr. Florianinho. Eu quero saber é o que devemos fazer emquanto elle não vem.

— O testamento, minha senhora, e quanto antes.

— Oh Floriano quero que me faças um favor.

— Pois não meu caro. Qual é?

— Dar em teu jornal a noticia de que a minha sogra depois de uma grave molestia entrou em franca convalescença.

No dia seguinte o Floriano publica no seu jornal:

"O nosso amigo X, importante membro do nosso alto commercio, conforme a abalisada opinião do Almanack Laemmert, acaba de passar por um cruciante desgosto. Sua sogra que ha mezes jazia em um leito, ferida por cruel molestia, entrou em franca convalescença".

Os versos de Bilac

. . . .
E cuido vel-a, placida, a meu lado,
Lendo commigo a pagina que leio.

DR. CARLOS PEIXOTO

Acompanhado de numerosos amigos, entre os quaes o deputado Eloy de Souza, Dr. James Darcy e Souza Leão, e o nosso director Mario Bhering, o illustre Dr. Carlos Peixoto desce as escadas do caés Pharoux, para tomar a lancha que o transportou para bordo do navio em que viaja para a Europa.

GAVETA DE CARTAS

J. A. de Figueiredo (Maceió). Ainda não foi feliz desta vez. Em todo o caso para não descontental-o inteiramente, publicamos a sua prosa:

"Vamos por esse mundo a fóra, além... muito além... Talvez que longe, no paiz da chimera encontremos as gentis flores do nosso amor... Ali não vem a desgraça beijar-nos o nariz que pelo céo derrama o prazer. Tem. A ventura sorri-nos. Olha aquem e partamos em busca do amor feliz... Tu choras?! Queres que não partamos? Desanimas-me... Já não nos amamos? Volve ao presente. Deixa este indeciso futuro que nos dá a terra. Serás ali prazer e amor e goso, mas não chores! Perto estamos do paraiso!"

Está satisfeito? Pois olhe que nós nem por isso.

Plinio Ramalho (Rio). Seu soneto *Pervertida* quasi nos perverteu o entendimento. Veja se não faz mais semelhantes brincadeiras, sim?

Eugenio Bethencourt (Rio?) O seu velho ancião fez muito bem em morrer, porque se não tivesse tido tão feliz inspiração, a sua dita com certeza o matava. Então aquelle pedacinho:

> E' a voz da consciencia que tristonha
> Se propõe a narrar o mysterio...
> Quando de subito uma voz medonha
> Brada: ao Cemiterio!

E o pobre ancião ouvindo a voz medonha do Sr. Bettencour, suicidou-se com certeza, lendo de uma assentada os seus versos.

Que grande maldade!

Nimaranes (Rio). Sua proposta só poderá ser tomada em consideração á vista do trabalho. Appareça aqui pela redacção.

Mary Rosa (Cordeiro de Cantagallo). Seus Epitaphios são detestaveis. Se alguem os lesse em vida com certeza morreria só pela dor de havel-os inspirado.

Chico Munheca (?). Sua traducção de Florian é pessima, desculpe-nos a franqueza.

Ulysses G. de S. Silva (Ouro Preto). Apezar do mel de seus elogios não publicamos o seu soneto, por que é máo, francamente.

Julio Victor (S. Paulo). Seu soneto foi para a cesta. A prosa será aproveitada.

Jupiter (Pitanguy). Sua poesia parece feita pelo illustre senador Bernardo Monteiro.

D. Jayme (?). Desejariamos aproveitar os seus sonetos, mas têm ambos graves defeitos. *Confissão*, por exemplo, começa:

> "O discurso que fiz pelos *teus* annos..."

e no primeiro verso do ultimo terceto diz:

> "Pela simples razão, meu bem, *attenda*..."

o que é defeito gravissimo, não acha?

Scismando tem um verso:

> "Como deixa-se cahir tão facilmente..."

que tambem foi reprovado. Preste mais attenção á pobre D. Grammatica. Que diabo ainda não estamos no quatriennio futuro!

Salomé Rocha (Santos). Sua *balladilha* fez-nos boquiabrir de pura admiração. V. Ex. está talhada para as grandes epopéas. Persevere que o triumpho falta sempre mas não tarda.

Calino Simões (Uruguayana). Antes de ler o seu nome já tinhamos adivinhado pelo corpo do seu trabalho quem era o autor. O senhor é um digno eleitor do general Chantecler.

Passionaria (Rio). Por quem é, senhorita, não queira offender assim a nossa reconhecida e proclamada modestia. Nossos retratos? Nunca, jamais, em tempo algum, para sempre!

Lyse Flourens (Rio). Sua perfumada cartinha perturbou-nos profundamente. Quem se confessa tão apaixonada admiradora, não estará porventura a zombar da nossa credulidade?

Em todo o caso beijamos as gentis mãosinhas que souberam traçar tão gratos periodos á nossa vaidade.

Salomão Keisah (Recife). Seu conto foi para a cesta depois de convenientemente desinfectado.

Ulrico Lara (Campinas). Apezar dos seus multiplos elogios, vimo-nos forçados a degollar o seu innocente sonetinho. Perdoe-nos, sim?

Mlle. Santinha (Juiz de Fóra). Já foi respondida a sua carta no passado numero.

Mme. Laura Ada (Rio). Muito agradecidos. Sempre á disposição de V. Ex.

Corre em rodas bem informadas que ainda este anno veremos representado o *Chantecler* no Brasil.

Fala-se mesmo em um espectaculo de *gala* a 15 de Novembro, promovido em homenagem ao general Pinheiro Gomes.

Em um salão *smart*. Grande concerto:

— O doutor toca algum instrumento? perguntou Mlle X ao jovem Dr. Floriano de Lemos.

— Não sei minha senhora.

— Como não sabe?

— E' que nunca experimentei.

CONCURSO DE BELLEZA INFANTIL

Diligenciando corresponder por todos os modos ao generoso auxilio que o publico tem dispensado a esta revista, resolvemos abrir um concurso de belleza infantil que de certo, vae despertar grande interesse ao nosso publico.

As condições são as seguintes:

1ª — Poderão concorrer, enviando suas photographias todas as creanças de 1 a 12 annos, residentes em qualquer ponto do Brazil;

2ª — As photographias terão o formato nunca inferior ao cartão-album, nunca devendo nellas figurar outras pessoas que não as concurrentes;

3ª — Todas as photographias terão no verso o nome dos concurrentes, sua residencia, logar de nascimento, filiação e o nome do photographo;

4ª — As photographias serão enviadas á redacção da *Careta* até 30 de Março p. f. em envolucro fechado com a indicação: "Concurso de belleza infantil".

5ª — Encerrado o prazo para o recebimento das photographias, serão estas entregues ao julgamento de uma commissão que escolherá 24, que serão publicadas em nossas paginas;

6ª — Sobre essas 24 creanças pediremos então a opinião dos nossos leitores para o julgamento final do concurso, sendo a classificação feita pelo numero de votos obtidos.

7ª — Terminado o julgamento as photographias ficarão á disposição das pessoas que nol'as enviarem.

Distribuiremos 10 premios ás creanças classificadas nos 10 primeiros logares, riquissimos brindes, cuja relação publicaremos brevemente.

Desde já começamos a receber as photographias das concurrentes.

Foi eleito presidente de Minas o chefe da banda de musica de Ouro Fino, coronel Bueno Brandão.

S. Ex. além de habilissimo clarinetista, empunhava ás vezes a batuta para reger a orchestra de que fazia parte, revelando nestas occasiões um extraordinario genio de regedor.

Descobrindo-se esta sua rara capacidade, deram-lhe o bastão de presidente para reger o Estado de Minas.

Que elle governe o seu povo como governava a banda, é o nosso desejo.

IMPRESSÕES MILITARES é o titulo do livro em que o Sr. general Dantas Barreto, reuniu os artigos publicados no *Jornal do Commercio*, estudando o abandono de Corumbá por occasião da guerra do Paraguay e historiando a série de lutas entre legalistas e revolucionarios no Paraná em 1893, de que foi testemunha como commandante de forças enviadas para aquelle Estado para deter a invasão.

Na primeira parte, afasta-se o autor do ponto de vista geralmente seguido, buscando defender o commandante das armas da accusação de fraqueza que lhe fazem os historiadores e criticando o procedimento do coronel Portocarreiro, que absolutamente não o enthusiasma.

Na invasão do Paraná, vê-se que o general Dantas Barreto procurando ser imparcial, não tirou dos factos narrados todas as illações, naturalmente por serem muito recentes. Em todo o caso é um livro recommendavel, escripto em estylo despretencioso e claro como convém ás monographias historicas.

Gratos pelo exemplar que nos foi offerecido.

A estatua de Teixeira de Freitas vae ser mudada para defronte do Syllogeu, mesmo no logar em que estava aquelle nosso avô das cavernas ás turras com um gato do matto.

Uma idéa: porque não aproveitam o pedestal, mudando unicamente a estatua? O Teixeira de Freitas a lutar debalde com aquella batina antidiluviana podia perfeitamente representar o *combate dos tempos pre-historicos.*

ANTIGA JOALHERIA WORMES DE UMBERTO ADAMO

Na proxima semana publicaremos a fachada deste importante estabelecimento de Joias á rua do Ouvidor, 98.

Dizem que o deputado Alaor Prata envelheceu dez annos com a derrota que soffreu em Uberaba, sua terra.

Vão ver que isso é elle quem espalha, para que deixem de o chamar jovem turco.

No restaurant:

— Garçon esta sopa de tartaruga não viu da tartaruga nem o cheiro.

— Perdão senhor, lá isso viu.

— Viu nada! Isso é uma burla á freguezia.

— Não senhor. A sopa é feita com agua na qual a tartaruga vive.

Os versos de Bilac

. . . .
Um *cadaver* de mais... um sonhador de menos...

Estadista requintado

Por occasião da chegada do coronel Bueno Brandão á Bello Horizonte parece que vae haver grandes festas. O orador encarregado de saudal-o era até poucos dias o Sr. Bernardo Monteiro que aos seus muitos titulos recommendaveis junta o de successor do mesmo Sr. Bueno no Senado Federal, e ter uma cultura mais ou menos egual á do preclaro estadista do Ouro Fino.

Já estava preparado o *improviso* que o illustre senador devia recitar. E tanto estava que o Sr. Bernardo levou-o no bolso até Ouro Fino e de Ouro Fino até Itajubá quando o coronel Bueno foi visitar o Sr. Wenceslão Braz, que está em uso de remedios para se curar da grande derrota que lhe infligiu o seu Estado.

A' noite em casa do extraordinario estadista itajubáense houve reunião. Estavam presentes quasi todos os chefes viuvinhas.

Estava representado o Sr. Bias Fortes. O Sr. Bernardo achando o momento azado puxou o improviso do bolso e submetteu-o ao juizo dos amigos. Tudo foi bem até um certo periodo. Applausos discretos, apoiados, palmadinhas no hombro, de tudo chuchou um bocadinho o Sr. Monteiro Bernardo. Mas quando começou o periodo seguinte:

"O Sr. Bueno Brandão senhores, é um consumado estadista que em sua vida tem extraordinarios requintes: o Sr. Bueno Brandão requinta no tratamento benevolo aos adversarios; o Sr. Bueno Brandão requinta na severidade com que pune os abusos; o Sr. Bueno Brandão requinta na actividade com que se consagra aos negocios administrativos; o Sr. Bueno Brandão requinta na abstenção em que se conserva quanto á politica; o Sr. Bueno Brandão requinta na delicadeza com que recebe a todos os que o procuram; o Sr. Bueno Brandão requinta...

Ahi o Sr. coronel Bueno Brandão, muito vermelho interrompeu-o:

— Arre! Que tambem é muita requinta de mais.

E o Sr. Chico Bressane.

— Tambem este Bernardo ha de sempre dizer bernardices!

O Sr. Wenceslão estava suspenso...

E eis ahi porque o discurso de saudação ao coronel ou tenente-coronel Bueno, não será mais feito pelo Bernardo Monteiro.

Substituil-o-á o Sr. Nelson de Senna.

Num salão de grande elegancia a elegante senhorita Viedal executa ao piano uma soberba composição de sua lavra. Ao expirar a ultima nota rebentam as salvas do estylo. A senhorita agradece commovida e pergunta ao poeta seu namorado:

— Que pensa da minha composição?

— E' difficil responder. Emquanto V. Ex. tocava eu sonhava.

A senhorita sorrio lisongeada e o poeta sorrio com orgulho: era a primeira vez que não a enganava: pois dormira durante a brilhante execução.

O REGRESSO DO MARECHAL HERMES

Aspecto da Avenida Central á passagem do cortejo que acompanhou o Marechal Hermes.

O Marechal Hermes, em frente á sua residencia, ouvindo o discurso do sr. Raphael Pinheiro.

CARTAS DE UM MATUTO

Comade eu tive perrengue
Seis dia em riba da cama,
Soffrendo c'um remathismo
Dos verdadeiro e de fama;
Veio um doutô pra me vê
Que nem sei como se chama,
E me deu só de mercurio
P'ra mais de quinhentas grama.

Tive tão ruim, que nem pude
Mandá sua carta d'ocê,
Nem Biella mêmo teve
Cabeça p'ra lhe escrevê:
Eu gemia de tal geito
Tão arto, nem sei dizê,
Que afiná minha garganta
Tá doente é de gemê.

O remathismo se foi-se
Agora a coisa é na guella,
Tou rouco, falando baixo,
Não guento apagá uma vela;
Bibi, coitada, tem mimo,
Trata de mim, se desveia,
Mas o mêmo eu cá não digo,
Minha véia, é de Biella!

Minha muié tá d'um geito
Despois que virou condessa,
Que não póde vê os outro
Queixá nem dô de cabeça;
Fica nervosa, tremendo,
Não faz nada que appareça,
Mexe muito, fala muito,
Inté que a gente esmoreça.

Eu tou de cá, tou sabendo,
Isto é manha que ella faz:
Qué mostrá que tá histérca
Doente dos nervo, mas
Eu posso lá crê que gente
Do matto, seje capaz
De tê doença de nervo
Sem que o couro dê p'ra traz?

E sabe ocê, sá Thereza,
Porque que ella qué passá
Por tá soffrendo dos nervos?
Quer na Oropa i passeá,
Porque soube que se usa
Os marido aqui levá
As muié que tão nervosa
Pra outra banda do má.

Pois sim, ella vá querendo
Que na Oropa não vou não;
Si continúa c'os nervo
Vou simbóra é p'o sertão.
Pois acha ocê brincadeira,
Já tou no Rio um tempão,
E agora a queré Oropa,
Assim como qué feijão!

Comade, tirantes isto
De doenças tudo mais
Já vae correndo dereito
Com muito socego e paz;
Todo o medo de baruio
Lá ficou, comade, atraz
E agora por sua vida
Cada um cavando faz.

Eu entonce agora vivo,
Sem tê nada que fazê,
Mettido dentro de casa
Embruiado em *cache-nez*;
Só tenho um divertimento,
Mandá comprá para vê
Os dois jorná que anda agora
Os mais bão da gente lê.

Um d'elles ocê conhece
Porque é jorná que anda ahi,
E' o *Correio da Manhã*
E' brabo que eu nunca vi!
O outro chama *O Paiz*
Vim conhecê elle aqui,
Do outro não mostra medo,
Xinga tanto que é de ri.

P'ra quem gosta de vê rôlo
De bocca, de palavrada,
Basta lê as duas fôia
Que dá boas gargaiada;
Briga assim é que apercio,
Não corro risco de nada,
Tou em casa e aqui não chega
Nem cheiro das porretada.

Pois é isso, siá Thereza,
Eu dou com gosto um tostão,
Para lê os tal artigo
De xingatorio ás porção:
Um chama o outro gatuno,
Um chama o outro ladrão,
Que afiná ocê nem sabe
Qual dos dous que tem rezão.

Seje este ou seje aquelle
Eu quero é lê o jorná,
P'ra passá meu quarto d'hora
Me divertindo a pitá;
Os proprio home que xinga,
Nem qué sabê de sondá
A opinião que se forma:
Só qué suas fôia empurrá...

E' um negocio e dos mió
Fazê jorná p'ra vendê;
Ocê não percisa nada
Nem ômenos sabê lê:
E' só frequentá a Cambra,
P'ra nomes feio aprendê,
E despois pô mais pimenta
Na hora de se escrevê.

Eu quando tava na roça
Formava desta cidade
Uma idéa defferente
Do que ella é na verdade;
Hoje eu digo com franqueza
Com toda a sinceridade,
Os defeito de Sant'Anna
São no Rio santidade.

Eu cuidava que o Governo
Era um home carrancudo,
Justiceiro, sério e tendo
Muito cuidado com tudo;
Vendo as coisa cá de perto
Cada vez me desilludo,
Mas não fallo, fecho a bocca,
Só p'ra não levá cascudo.

Quem tá na roça em seus quéto
Comade, é que é feliz;
Véve tranquillo e contente
Co'a sorte do seu paiz.
Mas se chega aqui e espia
E em tudo mette o nariz
Vê logo que p'ra sê nada
Esta terra falta um triz.

A bandaeira aqui anda
Mettida em todos os canto;
Ha bandaeira no povo
Que é d'ocê tremê de espanto:
Bandaeira nos negocio,
E os bandaio aqui é tanto
Que inté fazem bandaeira
Em nome de Deus e os santo.

Os jorná não é sincero,
Só é cuidando de si:
Inleição aqui é porca
Muito mais do que ahi:
Garantia de sua vida
Despois das coisa que vi,
Ocê tem mas é perciso
Tá no sertão, não aqui.

E despois de tudo isto
Eu acho muito engraçado
Quando vejo os carioca
Dizê que é civilisado:
Civilisação que eu vejo
Neste logá desgraçado,
E' bandaeiras e rôlos
Pela policia arranjado.

Aqui termino esta carta
Comprida como um sermão,
Em que eu botei p'ra fóra
O que tá no coração.
Lembrança a todos da terra,
Um abraço no Bastião;
Do compadre e amigo véio
TIBURCIO D'ANNUNCIAÇÃO.

Pede-nos o Sr. Graccho Cardoso declararmos que os 2 votos com que o governo do Ceará obsequiou ao grande Ruy, não são delle. Os seus votos (que diabo, quantos dá o Graccho ?) foram aproveitados pelo Accioly na votação ao Marechal.

Que homem assustado !

Os versos de Bilac

. . . .
Pois só quem ama póde ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrellas.

INSTANTANEO

Mme. Heitor de Mello.

NO CÁES

O BOATO E A VERDADE

Vinhamos do cáes. Os amigos que haviam acompanhado Carlos Peixoto ao navio que o levará á Europa dispersavam-se. Em frente ao monumento de Osorio um typo gordo e suado, com o olhar incendido de novidades, barrou-nos o passo.

— Então o homem fugio?

— Que homem?

— O Peixoto, o Carlos Peixoto. Pois embarcou para a Europa. Fugio.

— Fugio de que? Por que?

— Pois não sabem? Para não se comprometter. Reprova, não quer a bernarda e ella ahi vem pela mão do civilismo. Digo-lhes eu.

— Até logo, e desappareceu.

Appareceu, então, diante de nós, uma serena mulher de deslumbrante belleza:

— Não lhe dêm credito. Esse monstro inventa e calumnia: é o Boato. Porque fugiria o Peixoto? Da revolução? Mas a revolução já estourou e já venceu. Sim, triumphou sem sangue, a 1º de Março, com os candidatos civis.

— E' certo.

A belleza serena continuou:

— O Carlos Peixoto está enfermo ha muito tempo e necessitava ir a Europa. Quiz, primeiro, esperar a Convenção de Agosto, e depois o pleito de 1º de Março. Agora sim, podia partir, e partio. Nada o prendia aqui, onde só deve estar para o reconhecimento. E estará.

— Estará, repetimos.

Ella continuou:

— Promette voltar e voltará para o reconhecimento. Ninguem tem o direito de duvidar da honradez de um homem que deve o seu prestigio a duas forças unicas — a intelligencia e o caracter. Atacal-o por desconfiança injustificavel diante do seu passado, póde não ser infamia mas é, pelo menos, estupidez.

Quem assim falava era a Verdade, e dizia a verdade.

Queixas do povo

Os moradores da Avenida Central pedem a quem de direito mandar para o diabo que os carregue aquellas caixas de lixo postas ao longo da calçada. O motivo que allegam os infelizes habitantes da nossa principal arteria para este pedido...

Elles afinal não allegam motivo algum: estão suggestionados pelo *Jornal do Commercio* que por caduquice não cessa de clamar contra as inoffensivas caixas.

Os moradores da rua Bibiana, pedem a retirada da ponte-alçapão existente na mesma rua, afim de não ser necessaria a visita diaria da Assistencia que por lá anda catando debaixo da ponte os cadaveres dos transeuntes que durante á noite passaram por aquella ratoeira.

Num salão de musica:

— A Julinha executou Chopin com perfeição.

— E' verdade. Não ha carrasco que a supére na execução.

INSTANTANEO

Mme. Emerita Bocayuva Cunha e uma sobrinha.

INSTANTANEO

Miles. Sylvia e Nathayl da Veiga Pacheco.

Estamos autorisados a declarar que o Sr. Orville Derby não se responsabilisa pelas idéas que lhe são attribuidas numa conferencia publicada no ultimo numero do nosso *Filhote*.

O Sr. Orville Derby não se pode responsabilisar por idéas cujo valor scientifico desconhece, pois S. Ex. não sabe se as que ora lhe são attribuidas foram forjadas pelos redactores d'*O Filhote* ou si foram extrahidas de algum livro. Neste caso o Sr. Derby assumiria com a responsabilidade d'ellas, como assume com a dos artigos que publica e assigna nos grandes orgãos da imprensa diaria, pois tem certeza do valor scientifico de taes aranzeis, porque os copia dos livros.

Tambem podemos asseverar que o Sr. Orville não antipathisa com os profissionaes da engenharia brasileira, como se poderia crer diante da sua attitude para com os nossos engenheiros. O Sr. Orville admira e ama o Brasil e os brasileiros, e para demonstrar, publicamente a sua admiração e o seu amor á nossa terra e aos nossos patricios, resolveu traduzir o seu nome extrangeiro para um nacional, passando a chamar-se Prado de Corridas.

Em um salão *smart*:

O Elysio para uma linda rapariga, dernier-bateau:

— Mas que lindos pézinhos os seus! Quando morrer deixa-m'os em testamento, sim?

— Se faz tanta questão de ter quatro!...

O Dalai Lama foi expulso de Lhassa pelas forças regulares da China.

Lá se foi o papa amarello!

Quando succederá o mesmo ao verde?

FOLHINHA DA «CARETA»

DIA 19 — *Sabbado* — S. José *Gomes Chantecler*, assim chamado por pensar que o *Sol* apparece com o seu canto. S. Leoncio *Correia*, autor de xaropadas. S. Pancracio, padroeiro do senador Chico Munheca.

Calendario positivista — 1 de Coelho Lisboa de 122. *Xenócrates*, que foi tentado por uma sugeita e cantado pelo Bilac.

DIA 20 — *Domingo* — Domingo de Ramos, dia consagrado á Agricultura. O Sr. Rodolpho Miranda dá recepção no seu ministerio. O Sr. intendente Luiz Ramos offerece um banquete aos seus collegas. O Sr. Eduardo Ramos recita a um grupo de amigos uma poesia intitulada "A Petisca", que começa pelo seguinte verso:

Me contaram amigos que a Petisca...

Calendario positivista — 2 de Coelho Lisboa. *Filon*, avô dos filantes da actualidade.

DIA 21 — *Segunda-feira* — O sol entra em Aries. S. Bento *Monteiro*, santo do Cattete.

Calendario positivista — 3 de Coelho Lisboa. *S. João Evangelista*, escriptor nephelibata da antiguidade.

DIA 22 — *Terça-feira* — Não ha santo de nota este dia.

Calendario positivista — 4 de Coelho Lisboa de 122. S. Irineu *Machado*. S. *Justino*, pessoas assás conhecidas dos nossos leitores. Dá o gato.

DIA 23 — *Quarta-feira* — Trevas. O Sr. Monteiro Lopes apparece em toda a parte. O professor M. Ethereo vae á missa.

Calendario positivista — 1 de Monteiro Lopes de 122. S. *Clemente de Alexandria*, bisbo bibliographo. Dá o macaco.

DIA 24 — *Quinta-feira* — Endoenças, vae-se muita gente deste mundo. S. Thimotheo, mathematico. S. Simeão *Leal*, parahybano de muita sorte.

Calendario positivista — 2 de Monteiro Lopes de 112. *Origenes*, typo priméyo. Tertuliano, ex-intendente e cavador de tabellionatos.

DIA 25 — *Sexta-feira*.

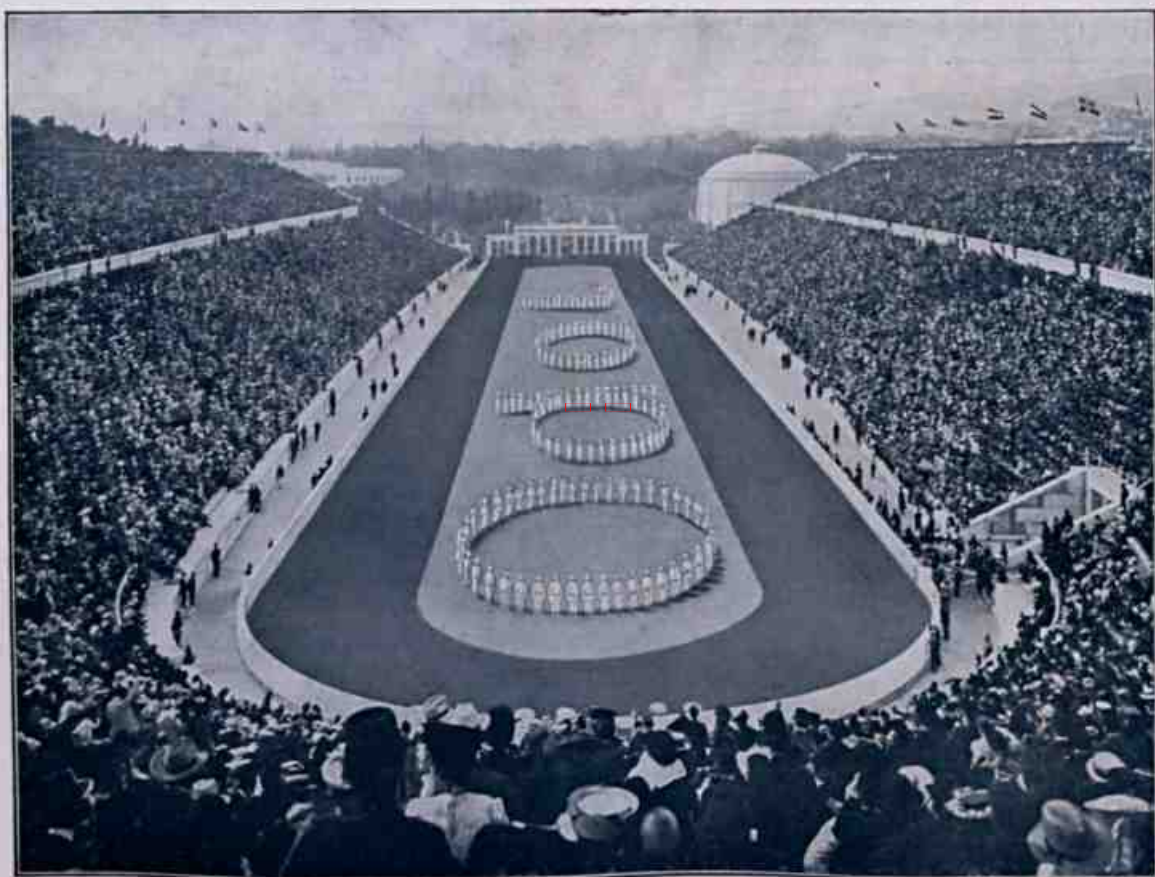
Calendario positivista — 3 de Monteiro Lopes, *Platão*, inventor de processos amatorios.

Entre literatos:

— Participo-te que minha esposa acaba de dar á luz...

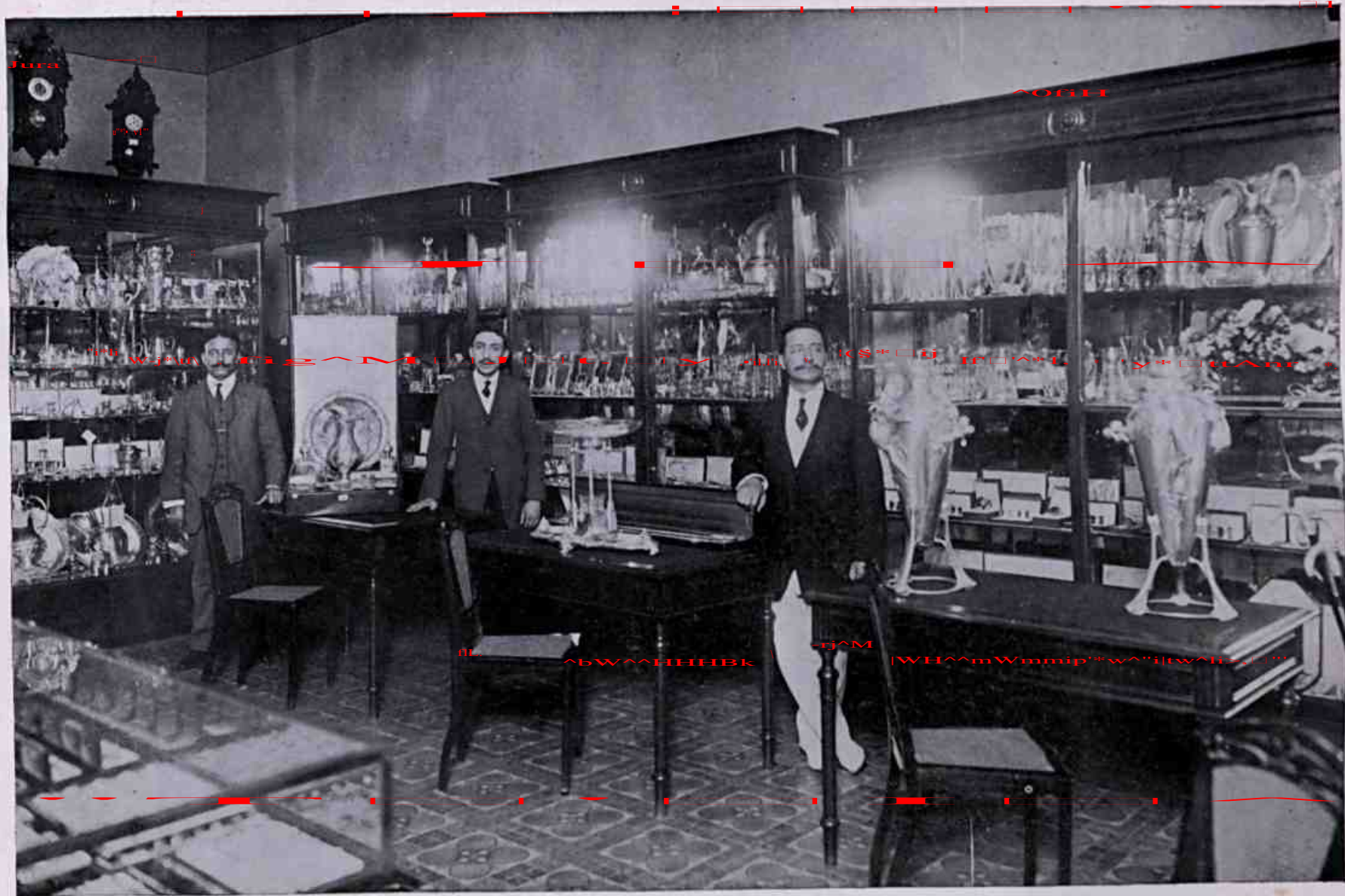
— Cordeaes parabens. Menino ou menina?

— Um livro de versos.

O joven Dr. Penido tendo sido derrotado no seu districto, não seria o caso de devolver ao eleitorado o diploma que este em má hora lhe confiou?

EM ATHENAS. — Durante os ultimos jogos olympicos effectuados em Athenas, os gymnasticos fizeram evoluções que, em dado momento, representavam a palavra "**Odol**". Como é sabido, é este o nome do dentifricio antiseptico de maior fama no mundo inteiro.

Os versos de Bilac

...exposta aos furores da procella,
Uma arvore de pé, serena e bella,
Inda se ostenta, na floresta erguida.

Antiga *Joalheria* Worms de **HUMBERTO ADAMO** — 98, Rua do Ouvidor, 98

Interior d'este importante estabelecimento completamente reformado pelo seu novo proprietario.

*Sortimento inegualavel de pedras preciosas Carretes, Pendantifs, Revieres, Trousses etc., etc. — **Mensalmente** esta casa recebe as ultimas creações de Paris, Londres e Vienna.*

AS GORGETAS

E' um dos mais graves problemas sociaes o das gorgetas: um problema mais difficil de resolver do que o relativo á mendicidade, á velhice desamparada e á infancia desvalida.

A gorgeta, como todos sabem, não é uma obrigação é uma devoção: mas ai d'aquelle que faltar a esta devoção! Corre perigos enormes: o barbeiro admitte que o freguez esqueça-se de lhe pagar uma barbeação, mas não admitte que se esqueça de dar a gorgeta.

Para os *garçons* de hotel e *restaurants*, para os cocheiros e *chauffeurs*, para os barbeiros, os homens são olhados sob outro ponto de vista moral: elles nos julgam pela gorgeta. Quem toma um carro e diz desaforos ao cocheiro é considerado um homem apenas neurasthenico; quem briga com o *garçon* e quebra pratos e copos, é um nervoso, um distrahido; quem exige muito cuidado do barbeiro, com muita rabugice e xingatorios, é apenas um homem que exige barba bem feita: mas quem não dá a gorgeta é um miseravel, um barbaro, um homem que merece ser maltratado pelo cocheiro, emporcalhado pelo *garçon* e degollado pelo barbeiro.

Perigosa devoção!

E as vinganças que soffre o homem que não dá gorgetas?

Já fiz commigo uma experiencia percorrendo as tres classes mais exigentes da gorgeta: o barbeiro, o cocheiro e o *garçon*.

Fui a um barbeiro e não dei gorgeta: no dia seguinte voltei ao mesmo homem, que me tinha feito a barba com enorme perfeição e carinho, na vespera. Este homem me recebeu mal: começou por não forrar o encosto da cadeira; não afiou a navalha e ao ensaboar-me o rosto ensaboou-me a bocca e os bigodes.

Sem dizer palavra, de sobrecenho carregado, esfolou-me o rosto: ficou impassivel diante do sangue das espinhas rebentadas, e eu só vi no seu rosto uma expressão de alegria quando elle me viu contrahir os labios sob o ardor da agua acidulada com que me borrifou as faces.

Dei neste dia uma gorgeta forte ao perverso: então elle que não se lembrou de me escovar o casaco, pegou da escova sorridente e amavel e a escovar-me pediu desculpa de seu mal feito trabalho.

Com o cocheiro não soffri dores physicas, senão dores moraes: não lhe tendo dado gorgeta na vespera e querendo tomar o carro no dia seguinte, fui recebido com estas rudes palavras:

— Não posso. Estou esperando um freguez decente!

Com o *garçon* a cousa foi absolutamente inoffensiva, porém mais comica: tendo na vespera tomado *chops* na Brahma com diversos amigos, paguei uma despeza grande mas não dei gorgeta ao *garçon*. No dia seguinte volto ao *chopp* e me assento á mesma mesa; vem o mesmo *garçon* a quem eu peço um *chopp* claro.

O homem demora a trazer o *chopp* mas afinal me trouxe um copo onde a espuma occupava dous terços; vi a cousa e não desconfiei. Mas considerei commigo que aquelle pobre rapaz não tinha meios de se vingar do meu acto da vespera, então tirei do bolso uma prata de 500 réis e dei a elle, dizendo:

— Hontem me esqueci de lhe dar a gratificação! Desculpe, leve esta prata!

O rapaz sorriu, agradeceu e depois fixando os olhos no copo que me trouxera:

— Não notei este *galão* do seu *chopp*! Vou buscar outro.

E me trouxe outro copo quasi sem espuma.

Assim ficae sabendo: a vingança dos *garçons* de cervejaria está no *galão*!

Quanto menos gorgeta se dá maior *galão* nos dá o *garçon*: si quereis subir de posto, é não dar gorgeta. Os *garçons* promovem os freguezes por desmerecimento.

Cá por mim juro que não farei jús a galão muito alto: nada, nesta questão de *chopp* eu me contento com o galão de alferes.

XIXI MALMEQUER.

Do senador Xico Salles recebemos o pedido da remessa de alguns exemplares da *Careta* em que veio a canção "Xico Salles tem um gato" para serem vendidos por elle em Minas, á vista do enorme successo que fez.

Lamentamos não attender a este pedido, visto se achar inteiramente esgotado o referido numero; autorisamos entretanto ao Xico, publicar a canção em folheto e vendel-a pelo preço que quizer. Dispensamos qualquer lucro na transacção.

Dizem telegrammas de Nice que o celebre cirurgião Dr. Doyen, batendo-se em duello com o capitão do exercito belga Langkendonk, atravessou-lhe o braço com um golpe de florete.

Irra! que já é ser carniceiro!

Emfim, como a sangria tambem é exercer a profissão...

Mas que o costume não pegue.

Se os cirurgiões além de attentarem contra a nossa vida por meio de lancetas, escalpellos e outros instrumentos perfuro-cortantes, ainda por cima passarem a usar de florete, vae tudo raso.

A Humanidade não tem para onde fugir!

O Rio de Janeiro. — Um trecho do Cattete e Botafogo; as fortalezas da barra, e o Pão de Assucar.

FRIGIL

— Qual, em tempo de calôr, só mesmo uma bebida espumante e sem alcool como o **Frigil.**

LUGOLINA

do DR. EDUARDO FRANÇA adoptada na Armada e Exercito Nacionaes e pela Directoria de Hygiene do Estado de Minas.

Unico remedio brasileiro adoptado na Europa e com grande successo

Premiada com 2 medalhas de ouro na Exposição Internacional de Milão — 1906. Premiada com medalha de ouro na Exposição Nacional do Brasil — 1908.

Remedio sem gordura, cura efficaz das molestias da pelle, feridas, empingens, frieiras suores fetidos dos pés e do sovaco, assaduras do calor, manchas, tinha, sarnas, sardas, brotoejas, comichões, espinhas, caspa, quéda dos cabellos, queimaduras, boubas, golpes, etc. Em injecção conforme o folheto, cura qualquer gonorrhéa.

Recusar as imitações. As pomadas, unguentos e sabões medicinaes são velhas e anachronicas formulas que não estão mais na altura dos tempos modernos, além de serem compostas de gorduras rançosas e potassa irritante e caustica. — RECUSAR AS MACAQUINAS!

DEPOSITARIOS NO BRASIL:

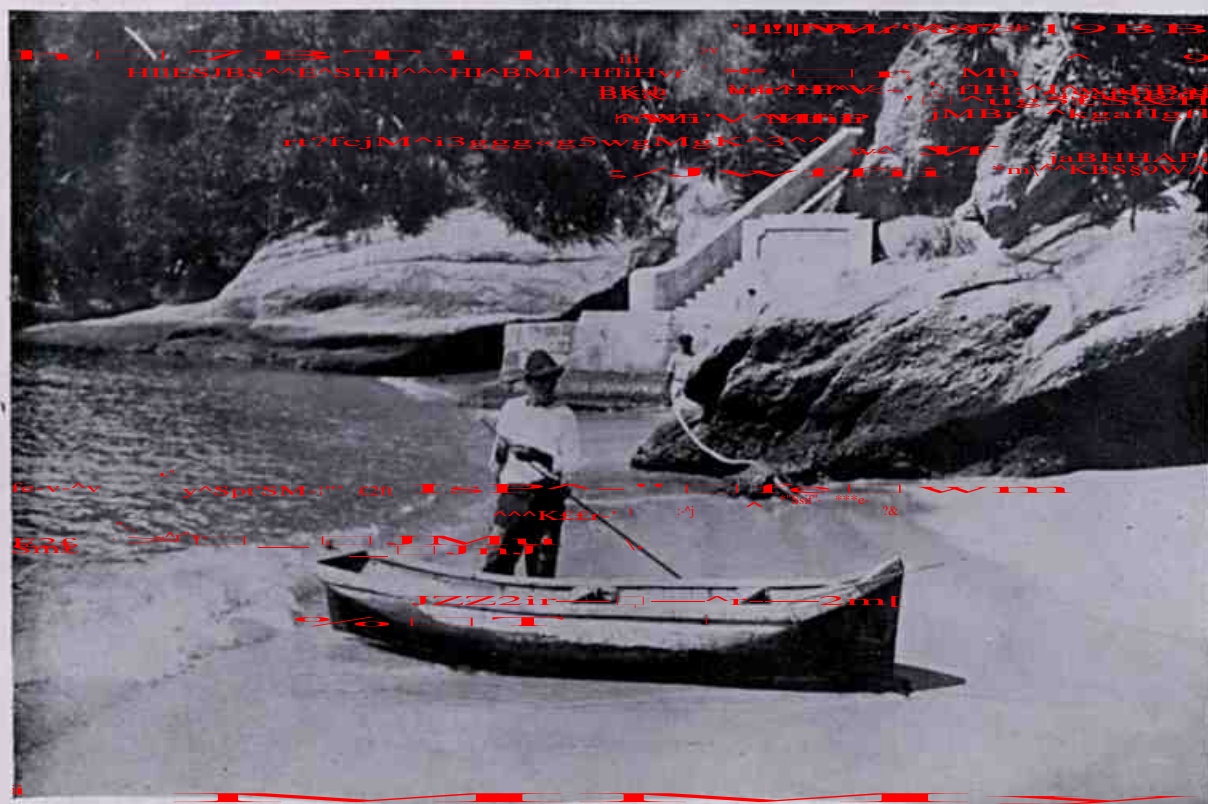
ARAUJO FREITAS & C.

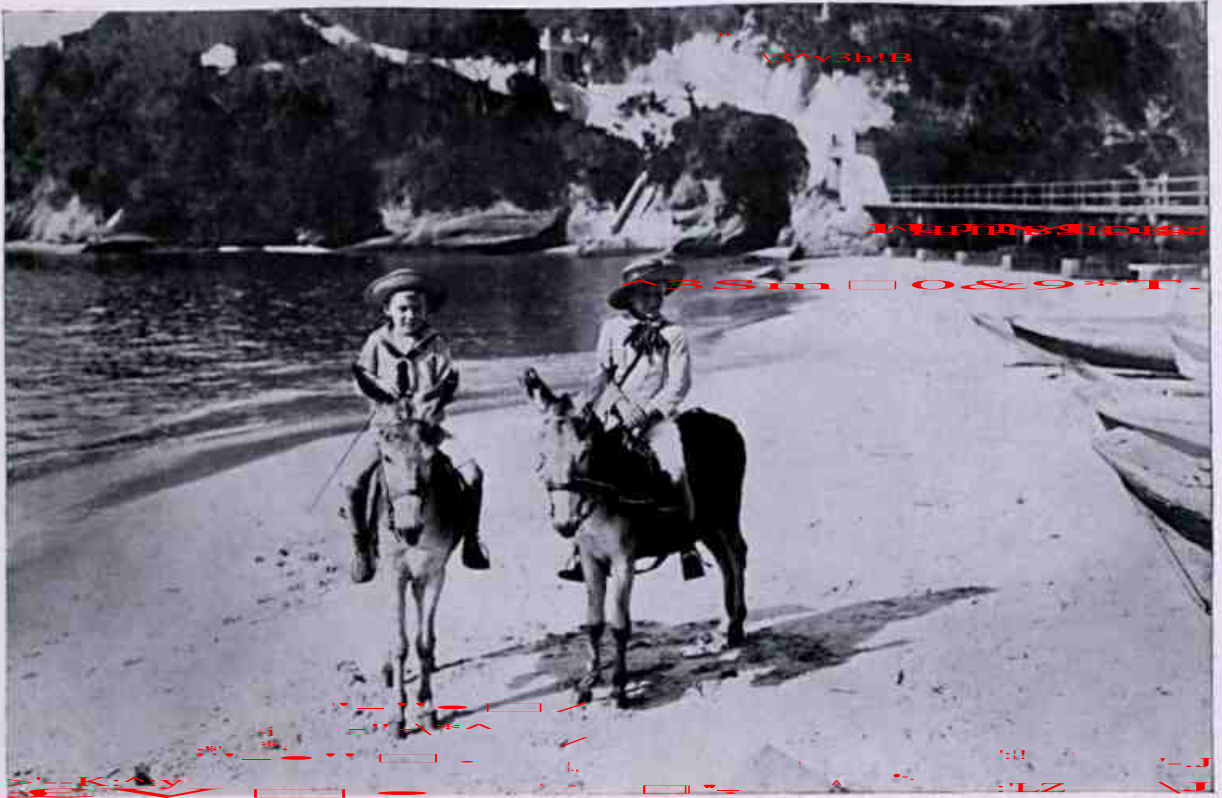
114, Rua dos Ourives, 114

NA EUROPA — Carlo Erba, Milão — Ribeiro da Costa, Lisboa — EM BUENOS AIRES F. Lopez, Lavalle 1634

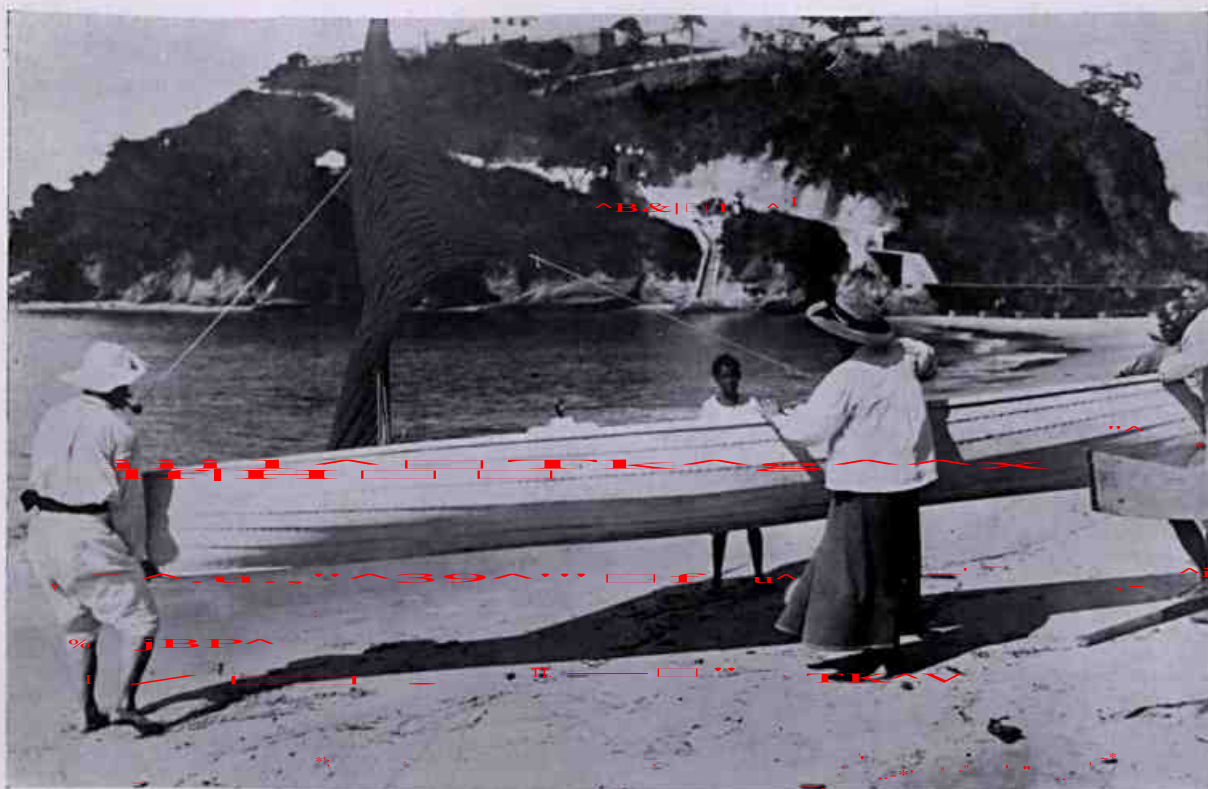
VENDE-SE EM TODAS AS DROGARIAS, PHARMACIAS E PERFUMARIAS

Praia da Bôa Viagem (Nyctheroi)

A pesca de caniço.

Um bote navegando na areia.

Praia da Bôa Viagem (Nyctheroi)

A Cavallaria de Marinha guardando as costas do Brasil emquanto não chega o Minas Geraes.

Um padre passeando com os pimpolhos do seu collegio, ensina-lhes que foi sobre essas areias que as aguas do mar Vermelho recuaram para que Moysés e seu povo escapassem aos perseguidores egypcios.

Praia da Bôa Viagem (Nyctheroi)

O pintor Trindade, de cachimbo na bocca, á maneira dos marinheiros da Islandia, levanta o pé direito e geme sobre o esquerdo, suspendendo o seu bote.

O bote do pintor Trindade n'agua.

ANATOLE FRANCE

O CRIME
DE
SYLVESTRE BONNARD

SEGUNDA PARTE

Joanna Alexandra

IV

Tomei a liberdade de mandar a V. Ex. alguns livros que podem interessar e instruir as meninas. Avaliará, depois de ter dado por elles uma vista d'olhos, se os deve communicar á menina Alexandre e ás suas companheiras.

O reconhecimento da dona da pensão foi até ao estremecimento e alongou-se em palavras. Para o cortar pela base:

— Está hoje um lindo dia, disse eu.

— Sim, me respondeu ella, e se isto assim continua, as queridas meninas terão um tempo esplendido para os seus divertimentos.

— Naturalmente, quer se referir ás férias. Mas a menina Alexandre não tem parentes, não sahirá d'aqui. Que fará ella, meu Deus, nesta casa tão grande e tão vazia?

— Proporcionar-lhes-emos o maior numero de distracções possivel. Acompanhal-a-hei aos museus e...

Ella hesitou, depois corando:

... e a casa do senhor, se assim o permittir.

— Como assim! exclamei eu. Ora ahi está uma boa idéa!

Separamo-nos muito amigos um do outro. Eu d'ella, porque tinha obtido o que desejava; ella de mim, sem motivo apreciavel, o que, segundo Platão, a collocava no mais alto grão da hierarchia das almas.

No entanto, não foi sem mais presentimentos que dei entrada áquella personagem em minha casa. E desejaria bastante que Joanna estivesse entre mãos que não fossem as suas.

Mestre Mouche e mademoiselle Préfére são espiritos que ultrapassam o meu. Nunca me foi dado comprehender porque é que elles dizem o que dizem e por que fazem o que fazem; ha n'elles profundezas mysteriosas que me perturbam. Como Joanna m'o dizia ha pouco, a gente inquieta-se com o que não comprehende.

Ai de mim! na minha idade sente-se bem quanto a vida é pouco innocente; a gente sabe muito bem quanto perde em durar n'este mundo, e não tem confiança a não ser emquanto é novo.

16 de agosto

Esperava-as. Esperava-as verdadeiramente com impaciencia. Para levar Thereza a bem acolhel-as, empreguei toda a minha arte de insinuar e de agradar, mas era pouco. Ellas vieram Joanna estava, por minha fé! toda taful.

Não é a sua avó, certamente. Mas hoje, pela primeira vez, percebi que tem uma phisionomia agradavel, coisa que n'este mundo, é muito util a uma mulher. Ella sorriu, e a cidade dos livros toda se alegrou.

Eu espionava Thereza; observava se os seus rigores de velha guardiã se adoçavam á vista da pequena. Via-a deter em Joanna os seus olhos termos; observei a sua face de pelle alongada, a sua bocca cavada, o seu queixo ponteagudo de velha fada poderosa. E foi tudo.

Mademoiselle Préfére, vestida de azul, avançava, recuava, saltitava, exclamava, suspirava, abaixava os olhos, desfazia-se em delicadezas, não ousava, ousava, não ousava ainda, depois ousava fazer a sua reverencia, dentro em breve, achamo-nos em familia.

— Tantos livros! exclamou ella. E o senhor leu todos, senhor Bonnard?

— Ai de mim! sim, li-os todos, respondi, e é precisamente por isso, que não sei nada, porque não ha nenhum d'esses livros que não desminta o outro, de sorte que, quando a gente os conhece a todos, não sabe que pensar. E' o meu caso, minha senhora.

Depois d'isto ella chamou Joanna para communicar-lhe as suas impressões. Mas Joanna estava olhando pela janella.

— Como é lindo! nos disse ella. Gosto de ver correr o rio. Isto faz pensar em tantas coisas.

Mademoiselle Préfére, tirava o seu chapéo, descobrindo a cabeça ornada de caracóes loiros, mas a minha governanta empolgou-lhe fortemente o chapéo dizendo que não lhe agradava ver andar os objectos de vestuario por cima dos moveis.

Depois, aproximou-se de Joanna e pediu-lhe os «seus adornos», chamando-lhe a sua menina. A pequena, deu-lhe o seu mantelete e seu chapéo, desembaraçou o pescoço gracioso e a estatura roliça cujos contornos se destacavam nitidamente em meio da luz franca da janella, e eu desejaria que ella fosse vista, naquelle momento, por qualquer outra pessoa que não fosse uma creada velha, uma professora de pensionato frisada como um cordoeiro e o pobre diabo de um archivista paleographo.

— A menina olha para o Sena, lhe disse, elle scintilla ao sol.

— Sim, respondeu ella, de cotovellos apoiados no parapeito da janella. Dir-se-hia uma chamma que corre. Mas veja, lá ao longe, como elle se mostra fresco por debaixo dos salgueiros da margem, que a sua agua reflecte.

Aquelle cantinho agrada-me ainda mais que todo o resto.

— Vamos, respondi, vejo que o rio a tenta. Que diria a menina se, com o consentimento de mademoiselle Préfére fossemos a Saint-Cloud, no barco a vapor que certamente encontraremos para a parte debaixo da Ponte-Real?

Joanna ficou muito contente com a minha idéa e mademoiselle Préfére resolveu-se a todos os sacrificios. Mas a minha governanta não houve por bem entender assim. Conduziu-me á sala de jantar e eu segui-a tremendo.

— Meu senhor, me disse ella, quando nos achamos a sós, o senhor nunca se lembra de nada e sou eu que tenho de pensar em tudo. Ainda bem que tenho boa memoria.

Não julguei opportuno tiral-a daquella illusão temeraria.

Ella proseguiu:

— Com que então, o senhor ia sahir, sem ao menos me dizer de que é que mais gosta a menina? O senhor é muito difficil de contentar, mas conhece, ao menos, o que é bom. Não é como estas creanças. Ellas não percebem de cosinha. Muitas vezes, o que é melhor é o que ellas acham peor, e o que é mau parece lhes bom, por via do seu coração, que não está ainda bem no seu logar, e tanto isto é assim, que a gente nem sabe o que lhes ha de fazer.

Ora faz faz favor de me dizer se a menina gosta de pombos com ervilhas.

— Minha boa Thereza, respondi eu, faz o que quizeres, e tudo ficará muito bem. As nossas visitas contentar-se-hão com a nossa cosinha costumada.

Thereza retorquiu seccamente:

— Meu senhor, eu falo-lhe é da menina; é preciso que ella não se vá d'aqui sem ter aproveitado qualquer coisa. Quanto á velha frisada, se o meu jantar não lhe convém, que chupe nos dedos, á falta de melhor. Quero cá saber!

Tornei, com a alma em repouso, á cidade dos livros, onde mademoiselle Préfére trabalhava no crochet, tão tranquillamente, que dir-se-hia estar em sua casa. Eu mesmo o cheguei a acreditar. Ella tomava pouco logar, valha a verdade, ao canto da janella.

Mas tinha escolhido tão bem a sua cadeira e o seu tamborete, que estes moveis pareciam ter sido feitos para ella.

Joanna, ao contrario, prestava aos livros e aos quadros um demorado olhar, que quasi parecia de affectuoso adeus.

— Aqui tem, lhe disse eu, entretenha-se a folhear este livro, que, por força lhe ha de agradar, pois contém magnificas gravuras.

E abri, diante d'ella, o volume de costumes de Vecellio; não, com licença dos leitores, a banal copia rachiticamente executada pelos artistas modernos, mas um magnifico exemplar da edição principal, a qual é uma edição nobre, de nobreza egual á das nobres damas que figuram nas suas folhas amarellecidas e embellezadas pelo tempo.

Folheando as gravuras com ingenua curiosidade, Joanna disse-me:

— Nós fallavamos de um passeio mas é uma viagem, uma verdadeira viagem a que o senhor me proporciona.

— Pois bem, menina, lhe disse eu, é preciso a gente arranjar-se commodamente para bem poder viajar. A menina está sentada n'um canto da sua cadeira, que se apoia n'um só pé, e o Vecellio deve fatigar-lhe os joelhos. Sente-se melhor, ponha a sua cadeira á vontade e ponha o seu livro em cima da mesa.

Ella obedeceu-me sorrindo e disse :

— Olhe, senhor, que bonito costume. (Era o de uma dogesa). Como é nobre e que magníficas idéas isto desperta ! E' muito bello por conseguinte, o luxo !

— Não se devem exprimir taes pensamentos, menina, disse a dona do pensionato, levantando do seu bordado o nariz pequeno e mal feito.

— E' muito innocente, respondi eu.

— Ha almas de «élite» que tem o gosto innato da magnificência.

O nariz pequeno e mal feito, baixou-se immediatamente.

— Mademoiselle Préfére tambem gosta do luxo, disse Joanna ; ella talha transparentes de papel para os candieiros. E' um luxo economico mas não deixa de ser um luxo.

Tornando a Veneza, travámos conhecimento com uma patrícia vestida de dalmatica bordada, quando ouvi a campainha. Julguei que fosse algum pasteleiro ambulante com o seu cesto de verga, mas a porta da cidade dos livros abriu-se e... Tu desejavas ha pouco, Silvestre Bonnard, que outros olhos que não fossem os teus enlunetados e dissecados vissem a tua protegida na sua gentileza; pois os teus desejos são attendidos, da maneira mais inesperada. E como ao imprudente Theseu, uma voz disse :

Temei, Senhor, temei que o Céo tão rigoroso
Vos não deteste assaz pra vos o'vir os rogos

A porta da cidade dos livros abriu-se e appareceu um lindo rapaz, introduzido por Thereza. Esta velha alma simples, nada mais sabe que abrir ou fechar a porta ás pessoas ; não attende nada á etiqueta da ante-camara ou do salão. Não está nos seus hábitos fazer annunciar nem fazer esperar.

Ou recambeia as nessoas pela escada abaixo ou nol-as mette á cara.

E aqui está o modo porque o lindo rapaz ali veio parar e em verdade eu não o podia ir fechar de seguida como a um animal perigoso, n'um quarto contíguo. Esperei que elle se explicasse ; elle fel-o sem embaraço, mas parece-me que notou a menina que, inclinada para a meza, folheava o Vecellio. Eu miro-o; ou me engano muito ou já o vi em qualquer parte. Chama-se Gelis. E' um nome que ouvi já, não me lembra onde. Com effeito o senhor Gelis fica-lhe bem este appellido, que é muito bem achado. Diz-me que está no terceiro anno da aula de Escola de manuscriptos antigos e que prepara ha quinze ou dezoito mezes a sua these de sahida, cujo assumpto é o «estado das abbadias benedictinas em 1700».

Acabou de ler os meus trabalhos sobre o «Monasticon» e está persuadido de que não pode levar a bom fim a sua these, sem os meus conselhos, em primeiro logar, e sem um certo manuscripto de que estou de posse e que é nem mais nem menos que o registo de contas da abbadia de Citeaux de 1683 á 1704.

Tendo-me feito sciente d'estes pontos da sua matéria, entregou-me uma carta de recommendação assignada com o nome do mais illustre dos meus confrades.

Esta agora é que não é má ! Gelis é o mesmo rapaz que, o anno passado, me tratou de imbecil, debaixo dos castanheiros. Tendo desdobrado a sua carta de apresentação penso : «Ah ! ah! infeliz, estás bem longe de suppor que te ouvi e que sei o que pensas de mim... ou pelo menos o que pensavas naquelle tempo, por que estas cabeças novinhas, são tão levianas ! Tenho te nas minhas mãos, jovem imprudente ! eis-te no antro do leão e tão inesperadamente, que á fé ! o velho leão surprehendido não sabe que fazer da sua presa. Mas tu, velho leão, não serás um imbecil ? se não o és já o foste. Tu foste um tolo em o teres escutado, e um triple tolo em não ter esquecido o que fôra melhor que não tivesses ouvido».

Tendo reprimentado d'este modo o velho leão, exhortei-o a mostrar-se clemente ; elle não se fez rogado e tornou-se, dentro em pouco, tão alegre, que teve de suster-se para não se abrir em rugidos de contentamento.

Pela maneira que eu lia a carta do meu collega, podia passar por não saber ler cartas. Demorei-me, e Gelis podia ter se aborrecido, mas olhando para Joanna, supportava resignado a sua sorte.

Joanna, algumas vezes, voltava a cabeça para o nosso lado. Nem sempre se póde estar immovel, pois não é assim ? Mademoiselle Préfére compunha os seus caracóes e o seu peito todo se entufava de pequenos suspiros. Escusado será dizer que, até mesmo eu, fui muitas vezes distinguido por ella com aquelles suspiros».

— Senhor, disse eu dobrando a carta, sinto-me feliz em ser-lhe util. O senhor occupa-se de excavações que me teem, tambem interessado muitissimo. Tenho feito o que tenho podido. Sei como o senhor — melhor ainda que o senhor — quanto resta fazer. O manuscripto que me me pede, está á sua disposição ; póde leval-o, mas elle não é dos mais pequenos, e receio...

— Ah ! senhor, me disse Gelis, os livros grandes não me mettem medo.

Pedi ao jovem que me esperasse, e fui a um gabinete visinho buscar o registro que não achei desde logo e que mesmo cheguei a desesperar de encontrar, quando reconheci, por signaes seguros, que a minha governanta tinha posto em ordem o gabinete.

O registro, porém, era tão grande e tão grosso que Thereza não conseguira arrumal-o completamente. Levantei-o a custo e tive a alegria de o achar pesado á sua vontade.

«Espera, meu rapaz, disse eu com um sorriso que devia ser muito sarcastico, espera : vou-te estofar, elle quebrantar-te-ha os braços, primeiro, depois o cerebro. E' a primeira vingança de Silvestre Bonnard. Depois falaremos».

Quando entrei na cidade dos livros, ouvi que o senhor Gelis dizia a Joanna : «As Venezianas molhavam os cabellos numa tintura loira. Tinham nos cabellos o loiro do mel e o loiro do oiro.

Mas ha cabellos de côr natural muito mais linda que a do mel e oiro.

E Joanna respondeu com um silencio pensativo e recolhido. Eu adivinhei que se tratava do patife do Vecellio e, que inclinados para o livro elles haviam olhado, conjunctamente, para a dogesa e para as patricias.

Quando appareci com o meu enorme alfarrabio, pensava que Gelis lhe faria uma careta. Era o carrego de um moço de fretes e eu tinha os braços doridos.

Mas o joven, levantou-o como a uma pena e metteu-o debaixo do braço, sorrindo-se. Em seguida, agradeceu-me com essa brevidade que eu estimo, relembrou-me que tinha precisão dos meus conselhos, e, tendo combinado o novo dia para uma entrevista, partiu, saudando-nos a todos o mais á vontade possivel...

Eu disse:

E' gentil, o rapaz.

Joanna passou algumas folhas do Vecellio e não respondeu.

Fomos a Saint-Cloud.

Setembro-dezembro

As visitas cá ao bom do velhote teem sido feitas com tanta exactidão, que eu acho-me profundamente reconhecido para com mademoiselle Préfére, que acabou por ter um canto seu na cidade dos livros. Ella agora diz : a minha cadeira, o meu tamborete, o meu casieiro. O seu casieiro é uma pequena estante de livros, dividida em compartimentos, de onde ella expulsou os poetas bucolicos, para alojar nella o seu sacco de costura.

Ella é muito amavel e é preciso que eu seja um grande monstro para não a amar. Soffro-a em todo o rigor da palavra.

Mas o que não soffreriamos por Joanna? Ella dá á cidade dos livros um encanto de que eu saboreio a recordação depois de ella sahir. Joanna é pouco instruida, mas tão bem dotada que, quando lhe quero mostrar uma coisa bonita, parece-me que nunca eu a tinha visto e que é ella quem m'a faz ver. Se me tem sido impossível, até aqui, fazer-lhe seguir as minhas idéas, tenho muitas vezes sentido prazer em seguir o espiritual capricho das suas.

Um homem mais sensato do que eu pensaria em tornal-a útil. Mas não é porventura util na vida o ser-se amavel ? Sem ser bonita, ella encanta. E encantar, isto é tão bom, talvez, como saber concertar as meias.

De resto, eu não sou immortal, e ella não será certamente ainda muito velha quando o meu notario (que não é mestre Mouche) lhe lerá certo papel, que assignei, não ha muito.

Não quero que outro, que não seja eu, a proveja de dote. Não sou muito rico, e a herança paterna não augmentou nas minhas mãos. Não se empilha escudos a compulsar textos antigos. Mas, os meus livros, ao preço que se vende hoje esta preciosa mercadoria, valem alguma cousa. Ha sobre esta estantesinha muitos poetas do século XVI que os banqueiros disputariam aos principes. E eu creio que estas «Horas» de Simon Vostre não passariam desapercebidas ao palacio Silvestre, assim como estas «Preces piae» ao uso da rainha Claudia.

Tive o cuidado de reunir e de conservar todos estes exemplares raros e curiósos que povoam a cidade dos livros, e acreditei, durante muito tempo, serem elles tão necessários á minha vida como o ar e a luz.

Amei os bem, e hoje, não posso passar sem lhe sorrir e os acariciar. Estes marroquinos são tão agradaveis á vista e estes velinos tão suaves ao tacto ! Não ha um só destes livros que não seja digno, por qualquer mérito singular, da estima de um homem galante.

Que outro possuidor saberia aprecia-los como merecem ?

(Continúa.)

A EQUITATIVA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

125 — AVENIDA CENTRAL — 125

Pagamento de mais uma apólice sinistrada

10:000$000

Rio de Janeiro, 16 de fevereiro de 1910.

Illms. Srs. directores da Equitativa dos Estados Unidos do Brazil — Presentes — Amigos e senhores — Na qualidade de procurador da Exma. Sra. D. Maria Carolina Furtado, é-me sobremodo grato patentear a essa directoria o reconhecimento que, por parte da minha constituinte, tenho a satisfação de apresentar-lhes, pelo pagamento da apólice sinistrada numero 1.213.

Se bem que a Equitativa seja de sobra conhecida, comtudo, devo salientar a boa vontade por VV. SS. manifestada para a prompta liquidação do sinistro, o qual, mais uma vez, vem demonstrar as grandes vantagens da instituição do seguro de vida, que, no caso vertente, facultou á minha constituinte o pagamento da importancia de 10:000$, conforme apólice n. 1.213, emittida sobre a vida do Sr. João Furtado Belleza, e hoje liquidada.

Sem outro motivo, aproveito o ensejo para subscrever-me com elevada consideração — De VV. SS. attento, venerador e criado.

Raymundo Arthur de Vasconcellos

Nota :

Monta a cerca de 10.000:000$ o valor pago em dinheiro, pela Equitativa, em apólices sinistradas, resgatadas e sorteadas.

APÓLICE N. 13.845

Illm. Sr. superintendente da Equitativa.

Com o coração transbordando de reconhecimento venho agradecer-vos a gentileza de ter vindo com tanta presteza á minha casa effectuar o pagamento de 5:000$, pela apólice sorteada em 15 do corrente, não obstante eu já ter recebido integralmente o seguro, que em tão boa hora effectuou o meu pranteado marido Antonio Pedro de Araújo, nessa riquíssima sociedade. Que seria de mim, viuva, com seis filhinhos, paupérrima, se não fosse o seguro effectuado pelo meu saudoso marido, na humanitaria Equitativa ?

E eu procurei obstar, fil-o desmanchar o primeiro seguro, não quiz consentir o segundo, devido a conselhos de amigas supersticiosas, e o meu marido, com extraordinaria energia, não attendeu aos meus rogos, tornando effectivo o seguro, que hoje me collocou e aos meus filhinhos ao abrigo da necessidade.

Que meu exemplo sirva de licção a muitas mães de familia, supersticiosas, que procuram impedir que seu maridos façam seguros de vida, cujo acto revela um impulso de nobreza e dedicação dos chefes de familia, que procuram garantir o futuro dos seus.

Podeis fazer desta o uso que lhe convier.

Santos, 24 de Abril de 1908.

Vossa admiradora e creada
Celiza Laudares de Araújo

Rua Bittencourt 189.

APÓLICES NS. 52.738 9

Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1909.

Illms. Srs. directores da Equitativa dos Estados Unidos do Brazil — Rio de Janeiro — Amigos e Srs. — Já em 15 de Outubro de 1908 tive a satisfação de escrever a VV. SS. agradecendo o pagamento de 5:000$, com que fôra nesse dia contemplada pela secunda vez a minha apólice n. 52.738.

Hoje tenho novamente o prazer de voltar á presença de VV. SS., para, mais uma vez, patentear os meus agradecimentos pelo pagamento que acaba de me ser feito da quantia de outros 5:000$, importancia esta que representa a sorte que me coube hoje, e correspondente á minha apólice n. 52739.

Pelo que acima fica exposto, verifica-se que em um periodo de anno e meio tive a felicidade de ser contemplado em tres sorteios semestraes consecutivos, e assim receber a quantia de 15.000$ em moeda corrente, sem absolutamente prejudicar as demais vantagens que me conferem as citadas apolices ns. 52.738|9, as quaes ficam em inteiro vigor e, portanto, com direito a concorrerem aos demais sorteios, nos termos do contracto.

Reiterando os protestos de meus agradecimentos, subscrevo-me com toda estima e consideração, de VV. SS., amigo attencioso e obrigado,

Arthur Ivans O. da Silva

Pedir prospectos e tabellas de seguro com sorteios em dinheiro em vida do segurado

Na séde social e com seus agentes em todos os Estados da União